

# MEMÓRIAS DA ESCOLA

## 1ª PARTE

### UMA HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA PRIMÁRIA \*

*Apresentam-se, nesta secção, extractos de uma história de vida de uma professora primária, nascida no ano da instauração da República, e que iniciou a sua actividade de ensino no período da Ditadura Militar. Trata-se de uma das cinco histórias de vida que foram recolhidas e construídas, na sua forma escrita, no âmbito de uma tese de doutoramento, intitulada «The Construction of Primary Teaching as Women's Work in Portugal, 1870-1933», e que em breve será publicada pelo Instituto de Inovação Educativa. Optou-se por seleccionar partes que se consideraram mais directamente relacionadas com «Memórias da Escola». Estamos conscientes que a riqueza, variedade e especificidade da história de uma vida fica de alguma forma restringida, nesta selecção. Mas a sua publicação, na íntegra, nos anexos da obra referida, juntamente com as outras histórias de vida, permitirá repor a singularidade e a complexidade das vidas de professoras.*

### O ambiente familiar

Nasci em 1910. O meu Pai era Professor da Escola Normal onde leccionava Legislação Comparada do Ensino Primário. A minha mãe era doméstica, era mesmo, como eu costumo dizer, uma senhora do sec. XIX. O meu Pai teve seis filhos: as raparigas formaram-se como professoras primárias, e os rapazes fizeram todos a universidade: dois em engenharia, um oficial do exército, um em farmácia.

\* Organizado por Helena Costa G. Araújo, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto

Preparei-me para a Escola Normal em casa e não fui para o Liceu, porque a minha Mãe se opôs que assim fosse. No meu tempo só havia duas raparigas a frequentar o Liceu na cidade. Aliás a minha Mãe não queria que eu trabalhasse fora de casa. Foi o meu Pai que defendeu que eu trabalhasse. Tive professores em casa e fiz depois o exame de admissão à Escola Normal.

Os meus avós paternos eram lavradores abastados, e o meu pai era para ser padre. O meu pai sabia muito latim, sabia muito francês e outras coisas.

### **Memórias da escola primária enquanto criança**

A escola da minha irmã era mista, nessa altura, parece-me que era mista, porque o meu irmão também ia e havia lá rapazes. O professor também estava, mas elas afluíam à professora, porque a professora ensinava e o professor fazia coisinhas com canivete, era muito habilidoso. Os rapazes faziam coisinhas bonitas, um peão, uma coisa assim. Um professor que não tinha capacidade nenhuma para ser professor. Foi professor, porque lhe aconteceu um desastre, num acidente, e depois fez-se professor primário e estava ali colocado.

A casa da escola é bonita, é uma casa muito bonita. Cá para mim é a casa mais bonita que aqui há. Era uma casa boa, grande e bonita. Tinha residência para a professora. A minha irmã vivia lá.

Havia cinco classes, nesse tempo, e foi a minha irmã que me habilitou para a 5ª classe. Ora a 5ª classe, ora isto em que ano era? Comecei a escola em 1917, com 7 anos, naquele tempo era 7. Deve ter sido em 1922, estaria eu na escola a fazer a 5ª classe.

### **A escola normal**

Entrei na Escola Normal muito nova. Os colegas eram mais velhos, geralmente eram todos mais velhos, eu era mais nova pois fui para a escola normal ainda não tinha feito os 16 anos.

Na Escola Normal de Braga, o ensino não era bom. Com excepção de poucos professores, o que aprendi não tinha grande valor. O professor de

Pedagogia não sabia ensinar. Dum outro professor, as aulas dele eram os momentos apropriados para se poder conversar e o que ele queria é que falassem mais baixo para não incomodarem os colegas nas salas vizinhas.

Formei-me em 3 anos e com 16, uma nota boa naquele tempo.

Tive dois professores que eram militares: um de Matemática e Física e Química. E outro de Geografia, História e não sei que mais. Havia uma professora, ensinava Português. Havia muitos militares a dar aulas naquele tempo. Não tinham que fazer, porque os militares não havendo guerra, nem nada...

Tinha bastante habilidade para ensinar e por isso foi fácil leccionar nas escolas anexas durante a formação na escola normal. Enquanto andei a estudar, eu fazia figura logo nas escolas. Estava muito à vontade. Vinham raparigas da minha idade, e mais velhas até, do meu curso, que até choravam nos dias em que tinham práticas, tinham que entrar numa sala cheia, repleta de crianças, e elas terem de contactar as crianças, falar com elas, fazer uma lição, até choravam, sou testemunha disso porque assistia. Havia até quem levasse rebuçados para ter as crianças mais sossegadas, e depois ainda dava pior resultado.

E eu não, não me impressionava nada. Eu atribuo ao facto de eu já estar habituada a entrar ali na escola, porque eu ia muitas vezes para a escola, a minha irmã era professora, e passava aí muitas horas durante as férias. Eu já estava cheia de ver uma sala cheia de crianças. A escola era uma coisa familiar, com crianças, de maneira que não me impressionava nada e era muito feliz nas minhas práticas. Quando dava aula, eu até gostava, eram os dias que eu gostava mais de ir para a escola normal

Fiz o meu exame final com muita felicidade, naquele tempo usava-se, era moda, chamo-lhe moda – o centro de interesses, portanto havia um tema e sobre isso versavam todas as lições, era preciso até um bocado de habilidade porque era difícil. Eu escolhi as aves. Foi lá uma criada levar-me uma gaiola com um canário que se pendurou. Levei a gaiola com um canário e pendurou-se na sala de aula. Os miúdos ficaram logo todos contentes. Recorda-me que tive de encaixar a lição de História, falando-lhe nas aves e no quadro já estava escrito: Aves em letras grandes – As aves e etc... um professor da escola normal assistia ao exame. Tudo o que eu fiz estava controlado. Esse Professor era muito incompetente e era o professor de Pedagogia e foi esse que me entrou na sala e sentou-se na cadeira e disse-me assim: o acaso trouxe-me aqui, e sen-

tou-se na cadeira a assistir ao exame. E a gente fazia o seu exame, era assim: das nove ao meio-dia, depois havia um intervalo do almoço e depois voltávamos, não sei se era à uma hora, se à hora e meia até às três da tarde. Ele disse aquilo e não abriu mais a boca. E depois do exame feito, havia um grande intervalo que os professores lá conversavam qualquer coisa, e nós depois entrávamos para a sala nobre da escola normal e era feita a crítica pelo professor que nos assistiu. Ele não me fez grande crítica, não me fez crítica nenhuma, a única coisa que criticou é que eu tinha escrito no quadro: Aves, dizendo às crianças que as lições iam ser dadas sobre as Aves, ele censurou-me. E nós tínhamos o direito de responder e respondi a todas as observações que ele me fez depois, era público isso. Estavam pessoas que iam, a família, os amigos... que assistiam depois à crítica que o professor lhe fazia sobre exame. Até ele terminou dizendo – Realmente vai ser uma professora, uma professora com as letras todas. O meu pai contava que eu tivesse para aí 18 ou assim, ou mais até, porque outras inferiores a mim tiraram, poucas, mas geralmente naquele tempo as classificações andaram sempre à volta de 13-14, 13 valores, 14 valores.

Afinal não tinha importância nenhuma. Eu fui colocada logo, eu saí em Julho e fui logo colocada em Outubro. Havia desemprego na altura. Aquelas que tinham classificações baixas aguardavam até serem nomeadas. Depois algumas tiveram meses ainda. Ficavam desempregadas.

Dentro da escola normal, hoje é que eu compreendo que havia conflitos depois do 28 de Maio, mas era lá entre os professores. Havia aqueles que aplaudiam que eram salazaristas como se chamavam, e havia aqueles contra. Por exemplo: uma ocasião um dos professores de higiene. Veio a propósito da prelecção que estava a fazer e as alunas todas sentadinhas nos seus lugares a ouvir e veio a propósito falar sobre os três reinos da natureza, e como se relacionavam entre si o reino animal, o reino vegetal e o reino mineral, e fez-me uma pergunta. Levantei-me e expliquei que de facto há uma relação entre os três reinos da natureza e ele disse assim, virou-se para os outros todos e disse estas palavras, naquela altura nem pensei nada, porque eu era muito nova. É isso mesmo quer queiram – virou-se para as outras todas, para o curso – quer queiram quer não, isto é assim mesmo. Hoje muitas vezes me lembro disto, até já contei às filhas o que é que ele queria dizer, naturalmente vós pensais que

entre o reino animal e o reino vegetal não há relação, meteram-lhe talvez o catolicismo nisto.

Na escola normal não se discutia, nada, nunca, nem a mais pequena palavra acerca dessas coisas. Os conflitos políticos que havia entre os professores, era tudo bastante escondido no fundo. E nem se falava nada dessas coisas, nem nada. Era só as aulas, diziam o que tinham a dizer, falavam uns mais competentes do que outros e as práticas...

### **As mudanças no ensino no pós-28 de Maio: o fim da co-educação**

A questão religiosa: deixou de se rezar e de se ensinar também como nas igrejas, na República mas depois... Eu nunca rezei.

Quanto à co-educação era uma questão tão quente, foi quando os padres começaram a mandar pôr os homens em cima e as mulheres em baixo, até na Igreja.

Lembro-me de se mudarem os livros e dos livros trazerem trechos religiosos. Ainda sou do tempo que os livros ainda não traziam coisas sobre a religião, histórias e tudo, e depois começam a trazer, são postos de parte. Depois começa a aparecer o livro único. Então, o da 1ª classe, eu achava até muito mal feito, estava muito mal, também, era obrigatório aquele livro.

Quando o Salazar começou a governar, eu teria 18 anos, 17. Era muito nova, não liguei importância a essas coisas e não se discutia na escola... Primeiro, nos primeiros anos da minha profissão, o que eu queiria era ensinar, cativar as crianças e comecei-me a estender logo por aquilo que eu era, pela minha profissão, vivia para as crianças e estava bem no meio delas. Era uma alegria. E nem lia assim muito os jornais nem nada e o meu pai dizia-me para eu assinar sempre um jornal e eu assinava, chamava-se Escola Moderna... E lia, mas lia pouco, lia pouco, eu regulava-me cá pela minha cabeça, naquela altura, era bastante nova.

Não discutia política com o meu pai. As mulheres não discutiam política.

### **Os primeiros anos de ensino**

Comecei por ensinar na freguesia de Linhares em 1929, com 20 anos incompletos. Fiquei a viver numa casa com uma criada e umas primas, que tinham estudado num colégio até à 4ª classe, mas não tinham continuado porque eram ricas.

Fui logo colocada em Outubro, comecei logo. Ora bem cheguei ali, eu nunca tinha saído de casa da família. Fiquei muito saudosa. O meu pai deixou-me ficar, o meu pai levava uma carta de recomendação para uma família de um professor e esse professor foi muito atencioso e indicou-nos uma casa da família dele onde eu poderia pernoitar uma noite, ou duas ou três até arranjar habitação.

Saía à noite e hoje fico admirada que atravessava um pinheiral com a pessoa que estava comigo. Porque para ir para casa desta família amiga tinha de atravessar um pinhal e eu atravessava, não tinha medo nenhum, nem nada. E atravessava e até ia jogar as cartas para a casa desta família. À noite. E depois vinhamos embora para casa, dormia e de manhã, levantava-me e ia para a escola e tinha de andar muito tempo.

No segundo ano, fui para a freguesia de S. Jorge. Aí fiquei hospedada em casa de pessoas. Na mesma escola funcionava a escola de rapazes e a escola de raparigas. Pela manhã a de rapazes, e de tarde, a de raparigas. Eu só ensinava raparigas. Era uma escola com más condições: quando se iniciava a escola à tarde, o ar estava muito viciado, e a sala suja. As raparigas estavam todas matriculadas na 2ª classe, mas não sabiam ler. Dei conhecimento disso à direcção escolar. Não havia serventes para limpar a escola.

### **O casamento e o nascimento dos filhos – a vida profissional continua**

No quarto ano fui para outra aldeia onde efectivei. Vivi numa casa com uma criada. A minha Mãe e o meu Pai iam visitar-me muitas vezes. As escolas eram mistas. Era eu professora e directora, era eu que respondia pelos meus actos, por tudo, não tinha nada com o professor, não tinha satisfações nenhuma a dar.

Nessa aldeia terminava a estrada e depois era caminho de monte. Havia uma camioneta que fazia carreira para Monção. Havia muito poucas. Ali passava uma e nem era mesmo à minha porta. A estrada acabava quase na casa onde eu morava.

Foi aí que encontrei o que foi mais tarde meu marido.

Eu não tive os filhos logo que me casei e julgava que não conseguia. Ao fim de cinco anos, nasceu um filho. E depois tive mais outro e as duas raparigas.

Amamenteei o primeiro até fazer um ano que nem sequer era o costume e depois os outros já fui alterando com as papinhas de nestlé. Começou a parecer essas coisas e eu fazia assim, dava-lhe uma mamada por volta das 9, que era para depois ele aguentar até ao meio dia, que eu ao meio dia vinha almoçar e dava-lhe outra mamada. E acontecia o seguinte: ao dobrar a esquina para entrar na sala de aulas, adaptadas, em baixo, que era uma casa de comércio, diziam assim – Que horas são? – 9 e 10. Ah! Já passa das 9! – Eu ficava danada. Mas eu lá ia. No dia seguinte fazia a mesma coisa, eu tinha que dar ao filho, o filho não podia ficar sem mamar aquela hora. Mamava de 3 em 3 horas. Que horas são? Já são 9 e um quarto? Já, já são 9 e um quarto. Os pais dos meus alunos não andavam comigo ao colo porque não podiam, estimavam-me. Era aquela família ali. E eu estava a ensinar os filhos deles. Era quase todos os dias, pois o menino tinha de ficar a mamar até não querer mais, assim que ele não queria mais, eu pousava-o, a minha criada tomava conta e eu ia a correr para a escola e era pertinho. A escola ficava como daqui ali adiante à 1ª casa que ali está adiante. Às vezes eu ia às nove certas. Eu corria, ia sempre a correr para a escola.

### **A primeira visita do inspector**

A primeira visita que tive de um inspector, naquele tempo, eram mesmo inspectores, depois é que passaram, com o Salazar, a directores escolares, directores. Mas quando eu comecei a trabalhar era inspector e havia um que era temido por ser muito mau e rigoroso, ele ralhava e era severo. Eu estava na secretária e na porta desenha-se a figura dele. E eu fiquei tão assustada, tão

amedrontada, queria falar e não podia falar, fiquei suspensa, fiquei aflitíssima, porque é que que tinha medo? Porque diziam que ele era muito mau, que entrava nas salas e começava logo a implicar com a professora, depois que classificava mal o serviço e o meu serviço nunca foi mal classificado e eu quando vi desenhar-se aquela figura, nunca tinha tido a visita dum inspector, foi a primeira vez, era para aí no quarto ano que eu trabalhava. Lembro-me como se fosse hoje. Começou a passear-se pelo meio das carteiras, lentamente e deixou-me sossegar e depois olhou para o quadro preto e por acaso eu tinha no quadro preto um trabalho para elas, do programa da terceira classe, a relação entre as medidas de volume e as medidas de capacidade e as medidas de comprimento, etc. Ele passeou pela coxia, olhou para o quadro e gostou. Depois, eu estava mais calma, acalmei, ele muito atencioso, não me ralhou, sentou-se na minha cadeira... Eu andava por ali, eu andava quase sempre de pé, a minha vida era sempre, ou sentada numa carteira, tinha muito costume de trepar para cima do banco e sentar no tampo da cadeira porque avistava todos. Comecei a compreender que ele não estava aborrecido e que estava até bem, depois começou a conversar comigo e olhou para o quadro e viu aquilo no quadro que naturalmente nas outras escolas não via. No fim disse-me assim: olhe, gostei muito e vejo que está a trabalhar muito bem e não siga o exemplo aqui das suas colegas porque não sabem trabalhar e nem querem. Não sabem, nem querem e despediu-se. Não siga o exemplo. Esta foi a primeira vez que eu tive um inspector.

Possivelmente os inspectores, que eram todos homens nesses anos, talvez isso os fizesse sentir superiores. Comigo nunca usaram dessa força.

Eles vinham de carro fretado, naturalmente aquilo ficava caro ao Governo. Não havia mulheres inspectoras, isso não. Eram homens. Tratavam os professores muito bem mas se tinham a fazer observações, faziam-nas. A mim nunca me fizeram observações desfavoráveis.

### **Uns anos mais tarde na profissão**

Uns anos mais tarde fui ensinar para outra vila e aí fui directora. Eram duas professoras, uma que ensinava os rapazes, e eu própria que ensinava as rapari-



gas. Eu ensinava de uma maneira diferente. Organizava magustos. Organizava festas escolares. Pedi ao antigo professor da Escola que ouvisse as alunas e ajudasse a prepará-las para a festa. Vieram à festa as pessoas que mais se interessavam. É aqui que os dois filhos começam a ir à escola. Ensinei o mais velho, e estava na turma da raparigas. Mas as minhas colegas estavam sempre a dizer que não podia fazer isso, e que se viesse uma inspecção eu era castigada. Não o quis meter na turma dos rapazes porque a professora não sabia ensinar.

Nesta escola, uma vez sucedeu-me uma visita do inspector. Foi num Sábado, e dia das actividades da Mocidade Portuguesa. A professora dos rapazes começou por rezar o terço com os alunos, diante do inspector. Era o que fazia tradicionalmente. Eu estava no andar de cima e nunca rezava com as alunas, o que muitas professoras faziam. Também não ia fazer isso, lá porque tinha a presença do inspector no andar de baixo. Ouvia-se tudo, porque a escola era velha, e havia grandes frinchas para o andar de baixo. Então resolvi falar das obras de misericórdia: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede. Depois, na hora das actividades da Mocidade, resolvi ir com as alunas para o recreio e fazer jogos. No final, o inspector estava à porta a observar e veio falar comigo. Cumprimentou-me pelo que eu fazia.

Eu interessava-me muito pelas minhas alunas. Os pais achavam em geral que as raparigas não precisavam de instrução, e sobretudo desde que já não havia escolaridade obrigatória depois da 3ª classe, diziam: «Já sabe muito, mais do que eu, para uma rapariga já chega». Por exemplo, um dia insisti junto do pai da Micas, um lavrador, ela era minha aluna e tinha muitas possibilidades, para que ela continuasse e o Pai finalmente aceitou, disse: Ela vai então para a Escola para fazer o favor à senhora!»

### **Os anos em Guimarães**

Depois é que fiquei colocada na Escola em Guimarães, aí perdi a minha independência, a directora era fascista. Tinha de pedir autorização para a realização de actividades escolares que saíam da rotina. As pessoas em geral achavam essa directora uma boa professora, mas não gostavam dela. Até diziam: «A D. Amélia ensina bem, mas não é mãe». Eu não estava de acordo com muitas

das práticas escolares que a Directora aprovava. Por exemplo, ela exigia que as alunas saíssem em formatura da sala de aula; eu recusava isso para as minhas alunas. Cantavam sempre o hino nacional, que a directora não aprovava. Uma vez a directora e outras professoras, eu não estava presente, decidiram organizar um passeio escolar ao cemitério onde estava exposta uma dita “santa” cujo corpo não se tinha corrompido. Eu achei o passeio sem sentido e estúpido. Uns anos mais tarde, já reformada, encontrei uma minha colega dessa escola, e voltamos a falar disso. Ela disse que, embora muitas discordassem das propostas da directora, não estavam para se opôr pelos custos que isso comportava porque «a gente mastigava, mastigava...».

### **A relação das comunidades aldeãs com a escola e a professora**

E rapazes, eu tive rapazes que ainda hoje são muito meus amigos. Eram precisos documentos para ir fazer... Quantas certidões de idade eu paguei. Pagava eu, pagava, porque eles não podiam, eram muito pobres. E senão, não faziam exame. A família não se importava nada. Eu é que queria. Um menino chamado Pedro, umas tias diziam: «ele tem mas é de ir com as vacas para o campo, a senhora prende-o na escola, não pode ser, ele não precisa, ele já sabe ler, ele já sabe mais do que eu. Tinha piada até, já sabe mais do que eu, que não sei nada disso e nunca me fez falta». Diziam-me assim e eu dizia: «pois olhe, ele há-de ir, ele vai para a escola sempre, todos os dias e vai fazer exame do segundo grau» e foi.

### **O que eu gostava era de ensinar!**

Nas aldeias antigamente era assim, muitas professores não ensinavam para exames da quarta classe, não estavam para isso, desde que tinha deixado de ser obrigatório. Eu era bastante nova nessa altura e assustaram-me porque os alunos eram muito desobedientes e malcriados. Eu tive depois muitas saudades deles, que eram carinhosos, meigos, é a maneira como a gente os tratava. E só tinha duas alunas na quarta classe e a família de uma delas julgou que eu não

fosse ensiná-las para exame, tiraram-ma e ficou só uma e essa uma foi fazer exame e foi a primeira aluna que eu levei ao exame do segundo grau e passou, ficou aprovada. O ensino dos trabalhos era do programa, mas eu vou-lhe dizer com franqueza, não tinha paciência para ensinar trabalhos. Eu nunca ensinei trabalhos. E os inspectores nunca me chamaram a atenção. Trabalhos nunca ensinei, sendo eu uma pessoa que tenho sempre qualquer coisa para fazer, tenho aí coisas bonitas feitas por mim... que eu tinha uma habilidade especial mas não sabia ensinar os trabalhos. Eu ensinava mas era as letras, o ler, o escrever e o redigir e explicar e compreender, etc. Isso sim, isso eu apanhava-me a dar uma lição era uma alegria, raparigas contentes e eu contente também, raparigas e rapazes também.

**MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA LIBERTÁRIA DO PRINCÍPIO DO SÉCULO  
CONTADAS POR QUEM A VIVEU: A ESCOLA OFICINA Nº 1 DE LISBOA,  
ENTRE OS ANOS DE 1905 E 1930 \***

**1) Um aluno: Emídio Santana\*\***

**Resumo de uma vida militante**

Comecei a escola primária na altura em que era natural, aos seis anos, mas em breve transitei para uma escola que na época foi uma inovação, uma revolução pedagógica, uma experiência de alguns professores anarquistas e outros liberais: foi a Escola Oficina Nº 1, onde eu estive até ao começo do liceal. Depois segui a vida de todos os trabalhadores, que foi a de ter de procurar uma profissão; e então aos 14 anos fui aprender o ofício de carpinteiro de moldes, uma profissão ligada à metalurgia e depois de ter completado o curso industrial dediquei-me ao desenho de máquinas.

\* Organizado por António Candeias, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa

\*\* Memórias baseadas numa entrevista a Emídio Santana (1906-1988), dirigente sindical da Confederação Geral do Trabalho a partir dos finais da década de 20 do nosso século, militante anarco-sindicalista e aluno da Escola Oficina nº1 entre 1912 e 1919.

Entrevista datada de Janeiro de 1981.

Aos 14 anos quando fui trabalhar, já animado das ideias libertárias com que tinha convivido no seio familiar e das relações de familiares, filiei-me no sindicato profissional, que era o Sindicato das Classes Metalúrgicas de Lisboa, e depois de completar o curso industrial filiei-me na Juventude Sindicalista. Na altura fui logo nomeado secretário da propaganda do núcleo de Lisboa, e pouco tempo depois Secretário-Geral da Federação das Juventudes Sindicalistas, tendo trabalhado na organização do 2º Congresso que se realizou em Abril de 1926.

Entretanto também comecei a trabalhar na vida sindical do meu sindicato, e aos 19 anos encontrei-me a cargo do Sindicato Metalúrgico e participei então no Congresso Confederal de Santarém em 1925. Daí, continuei sempre a minha actividade no meio sindical até que o 28 de Maio veio alterar um pouco a nossa actividade e pouco a pouco fomos passando a uma vida clandestina, o que acarretou muitas dificuldades, porquanto a primeira prisão que tive pela P. I. D. E. foi exactamente em consequência de ter que exercer uma actividade à luz do dia no sindicato, e uma outra actividade clandestina. Isso facilitou à policia a prisão de muita gente.

Depois de 1933, quando foi lançada a legislação fascista da corporativização, ainda fiz parte inicial da Comissão que começou a tratar dos preparativos da resistência contra essa lei mas fui preso e deportado para os Açores. O 18 de Janeiro de 1934, encontrou-me já deportado em Angra.

Mas quando regresssei voltei à actividade e estive sempre na clandestinidade durante uns 3 anos, até que em 1936 quando a guerra civil de Espanha eclodiu, as condições políticas e sociais aqui agravaram-se extraordinariamente e nós de modo nenhum podíamos assistir impassíveis à luta de Espanha sem nos sentirmos solidários com o povo espanhol e nessa altura empreendemos uma actividade mais activa e revolucionária: foram as bombas dos Ministérios em Janeiro de 1937, foi depois o atentado contra o Salazar, e durante esse tempo publicamos com certa frequência o jornal «a Batalha», clandestino, até que depois houve uma vaga de prisões em que eu também caí preso.

Fui condenado, estive 16 anos preso, e quando voltei, encontrei a organização já muito debilitada, mas todavia mantivemos sempre relações entre os velhos militantes e quando veio o 25 de Abril vimos renascer as esperanças e viemos encontrar uma nova geração que, se não se sintonizava inteiramente

com a geração antiga e isso era natural porque há sempre um certo desencontro entre gerações novas e as mais velhas, isso é histórico e natural, mas enfim, vi com satisfação que as ideias não se perderam inteiramente, que encontravam novas camadas de jovens e enfim, lançámo-nos à organização, fizemos reaparecer o jornal «A Batalha», o órgão da C. G. T., que tinha sido um jornal diário publicado durante 9 anos ininterruptamente e que depois na clandestinidade se publicou várias vezes.

Para nós era um ponto vital fazer reaparecer «A Batalha». E na verdade, ela hoje, embora não tendo a repercussão que já teve porque então chegou a ser o segundo jornal diário mais lido em Lisboa, no entanto temos a satisfação de vêr que ela representa no nosso país alguma coisa que é diferente daquela vaga de entusiasmo fácil, daquela vaga de demagogias também muito fáceis que inunda o país e que fez perder muitas oportunidades; talvez o movimento saído em Abril pudesse ter tido consequências muito mais profundas... mas enfim hoje temos pelo menos a satisfação de ver que estamos fazendo renascer o espírito libertário, de crítica, de análise, o espírito de independência.

### **A Escola Oficina Nº 1**

A primeira escola para onde eu fui, foi uma escola da Confederação Metalúrgica, quero dizer, das Associações de Classe dos Metalúrgicos e nela apenas estive quinze dias. O meu pai era metalúrgico.

Ainda conservo uma memória agradável dessa escola, era uma escola que não tinha aquele ar carrancudo das escolas oficiais, e tinha um hino que era cantado na música da Internacional. Era uma escola que tinha como patrono o Francisco Ferrer, que era a figura dessa época. Mas por circunstâncias várias a minha mãe teve conhecimento da Escola Oficina Nº1 e teve o cuidado de me levar lá e matriculou-me.

Essa escola tinha um método diferente do programa oficial. Não havia a instrução primária nem a secundária. Havia um curso geral que ia desde as primeiras letras até ao liceu. Mas em moldes absolutamente diferentes.

Por exemplo, a começarmos por uma das inovações. Eu aqui há pouco tempo ouvi na Televisão a descrição de um método de ensinar que se considerava novo agora, que era com uns cartões com as letras a compôr as palavras, e eu sorri-me, ri-me, porque foi assim que eu aprendi há sessenta e tal anos.

Para dar a imagem mais completa, por exemplo, eu nunca aprendi o alfabeto. Um dia vim a saber que sabia o alfabeto. Havia armários com brinquedos. Cada prateleira tinha brinquedos cujo nome começava por uma letra, que era a letra que lá estava: A, B, C, D, havia para todas as letras. Portanto nós com a nossa curiosidade é que íamos buscar um brinquedo, e vinha a professora: -Sabes o nome, sabes escrever, as letras são estas- e a gente ia compondo o nome do brinquedo com aquelas letras, e depois íamos pendurá-las no quadro e de seguida escrevíamo-las no quadro. Portanto, este processo foi assim, já nessa época.

Não havia carteiras escolares. Cada aula tinha uma mesa grande, com cadeiras à volta. Entrávamos na aula, porque andávamos de aula em aula, conforme as cadeiras, levávamos os nossos papéis, apontamentos, ou isso, que íamos buscar ao armário, porque cada um tinha o seu cacifo, e entrávamos na aula e sentávamo-nos em qualquer lugar. Ficava sempre uma cadeira vaga para o professor, e o professor, quando vinha, sentava-se e conversava connosco. A lição era dada assim.

Não tínhamos uniforme. Dentro da escola ofereciam-nos uma bata e os professores vestiam uma bata igual. Não havia rigidez de decorar, aprendíamos as coisas com relativa facilidade.

Tínhamos isto: era como se fosse uma oficina. Entrávamos às oito e saíamos às cinco. Havia uma hora de almoço e uma hora e meia de recreio. Quando íamos para o refeitório, sentávamo-nos em qualquer mesa e em cada mesa havia um professor, a comer connosco. Era um regime de convívio.

O próprio ano escolar não era o ano escolar oficial. As férias eram no fim do ano e na época de Verão havia uns dias para irmos à praia e para visitas ao campo. No final do ano havia a festa escolar em que todos os alunos expunham os trabalhos escolares que tinham feito durante o ano. Era uma festa de confraternização em que depois metia teatro, tudo isso.

Havia sempre uma peça de teatro baseada em assuntos escolares, que eram analisados através da peça.

O homem, a cabeça principal dessa escola foi o Adolfo Lima, que foi um mestre da pedagogia, que foi depois Director da Escola Normal de Lisboa, publicou uma revista, de estudos pedagógicos, que foi muito importante, esse homem foi um militante anarquista, foi um homem que deu ao movimento

anarquista um certo apoio, e além de outros professores, mesmo o César Porto, também e a Deolinda Lopes Vieira que ainda é viva, esposa do Pinto Quartim, um militante anarquista que publicou um jornal, «A Terra Livre» etc. A escola tinha também esta particularidade: havia oficinas! E foi a primeira escola em regime de coeducação. Para as oficinas iam rapazes e raparigas assim como os rapazes iam também para a costura. E as raparigas iam para a carpintaria, para a latoaria, para a estofaria, etc. Claro que não eram oficinas para produzir nada, mas eram para a prática e domínio da matéria, exercer as faculdades criativas. Por exemplo tínhamos também uma aula de talha em madeira, de modelação, tínhamos música, dança, tínhamos tudo isso.

Esta escola penso que foi fundada em 1908 e eu entrei em 1912. Estive lá dos seis aos treze anos.

Não havia diplomas! Eles passavam certificados que nos davam habilitação para entrar para o Liceu, por exemplo.

Muitos dos meus companheiros seguiram estudos superiores. Por exemplo, recordo o Manuel Mendes que foi elemento activo da oposição e que esteve depois ligado à Acção Socialista; O Leopoldo de Almeida que foi um escultor; o Tagarro, que morreu muito novo mas que foi um encenador de categoria e artista plástico, a Fernanda de Sousa, actriz, que já morreu. Esses saíram e tiveram possibilidade de seguir para os cursos superiores.

Mas na escola, apareciam tanto filhos de operários, como eu, como filhos de comerciantes, como o Manuel Mendes, como filhos de um pequeno industrial como o Leopoldo de Almeida. Era um estrato diverso entre as classes trabalhadoras e as classes médias. Talvez predominassem mais os da classe média.

### **Um dia na Escola Oficina Nº 1**

Entrava-se de manhã e cada um ia para o vestiário e vestia a sua bata. Não havia sinetas, não havia nada disso! Havia relógios e cada um tinha que saber que a aula tal era às tantas horas, qual a sala etc., e nós circulávamos pela escola, cada um a caminho da sua aula.

As aulas eram de uma hora. Ou por outra, 50 minutos porque dez minutos antes acabava a aula e cada um ia, e ia trocar de material: se por exemplo precisavam de canetas borrachas, etc., iam buscá-las à sua gaveta e ao seu armário e depois aparecia na aula e sentava-se.

Os professores não se faziam esperar e todos nós podíamos dizer uma graça ao professor, podíamos perguntar uma coisa.

Aéh! coisa curiosa: os alunos tinham uma associação, que era «A Solidária», e todos os anos se nomeava uma comissão entre os alunos e que dava a refeição todos os dias. Pagavam-se umas cotas e tínhamos o almoço!

Era uma associação gerida pelos alunos! Claro que os professores nos ajudavam, mas nós é que tínhamos a responsabilidade.

Por exemplo, à segunda-feira de manhã, quando íamos para a escola, havia a cotização, cada um pagava a cota da semana, e então este e aquele tinha que lá estar para receber as quotas, e para fazer as contas e conferir os pagamentos. O professor estava ao pé, mas nós é que fazíamos tudo isso. Isto de 1912 até 1919, que foi quando eu de lá saí.

Mas isto continuou. Ainda existe essa escola. Não sei como está hoje mas ainda existe.

Essa associação tinha um hino, hino que a República depois tornou no hino oficial das escolas: era «A Sementeira». Começa assim: «... @ escolas semeai! O amor, a vida, a luz, a límpida verdade, ó escolas semeai!... »!

Portanto tínhamos a refeição lá na associação. Esta é que fazia as festas escolares. Depois do almoço tínhamos uma hora e meia de recreio. Íamos para o pátio, os professores iam para ali, a gente brincava, cada um procurava as suas brincadeiras, e os professores, podiam, por exemplo desaconselhar... Por exemplo recorde, que a primeira guerra surgiu quando eu andava na escola e a excitação tocou em nós, e nós, garotos de estratos sociais que estavam mais ou menos contagiados por ideias políticas que apanhávamos no seio da família, e éramos todos contra a Alemanha que eram os «boches», começávamos a fazer as brincadeiras à volta das lutas entre franceses alemães e búlgaros, etc, e os professores moderavam isso, não proibiam, moderavam! E procuravam sugerir coisas e brincadeiras diferentes para não se cair no militarismo! Não gostavam, e procuravam desviar-nos para outras brincadeiras. Não proibiam! Outra coisa que a escola tinha: não havia nenhuma espécie de castigos corporais e nem eram admitidas queixas. Se a gente se fosse queixar de um colega o professor dizia : – olha isto, olha aquilo, fala com ele, procura pôr-te de acordo não se faz queixa –, não aceitava como queixa. Podiam ir ver se havia uma coisa mais grave, mas queixas não!



O único castigo que havia, se houvesse uma falta grave, o Conselho Escolar poderia determinar uma suspensão, um dia, dois dias, etc. Éramos suspensos e mandavam dizer para casa o porquê, mas era muito raro, só mesmo em casos muito graves, por exemplo se havia uma agressão, de um mais velho a um mais novo, ou se se estragava de propósito as coisas dos outros... só em casos desses.

Não havia exames. Os professores tinham as suas notas, e iam analisando os alunos durante o ano e chegavam ao fim do ano e tinham uma avaliação do que é que o aluno tinha progredido.

E no fim do ano reunia o Conselho Escolar, cada professor dava os seus pareceres, e depois saíam os resultados, os que tinham passado, e os que não tinham passado. Ou passava ou não passava, não havia, portanto, notas.

Não era muito frequente haver reprovações, sempre havia alguns casos, mas não era muito frequente. Mas não havia notas de maneira alguma!

Uma coisa curiosa, havia teatro feito por nós. E no geral era teatro a corrigir hábitos adquiridos, ou coisas que se generalizassem. Por exemplo, a uma certa altura havia a mania de nos zangarmos uns com os outros. E era assim: – «Tou mal contigo» – e depois cruzávamos os dedos e descruzávamo-los de seguida, e não nos falávamos. Depois quando era para fazermos as pazes, era o «estou bem contigo» e cruzávamos outra vez os dedos!

O Adolfo Lima apanhou aquilo e fez uma comédia com o «estou mal contigo», que era uma série de acidentes que se davam em cena e que punha em cheque...! E até me recordo uma coisa que ficou na memória de todos nós. Havia uma cena em que estávamos a jogar às cinco pedrinhas, e a certa altura há uma questão por causa das pedras e há uma rapariga, e ela, quando chegou a altura levantou-se e disse «estou mal contigo». E diz-lhe o César Porto que era quem estava a ensaiar: – Olha, isso assim é muito seco! Não, tens que dizer isso quase a chorar –. E chegou a altura e ela levanta-se e disse: «estou mal contigo quase a chorar».

E aquilo pegou de tal maneira que depois nós na brincadeira, passamos a dizer, «Estou mal contigo quase a chorar»!

### **O que se ensinava na Escola Oficina Nº 1 – A Sociologia**

Tínhamos nas primeiras letras, a gramática, a escrita, ditados, aritmética,

matemática e tínhamos uma aula que ainda hoje é uma raridade! Tínhamos sociologia. Começávamos a sociologia aí na quarta classe... quando começávamos a ter aquilo que se chama a instrução primária.

Era assim, por exemplo, costumes de povos, de raças, ideias sobre a evolução da humanidade etc. E isso era acompanhado por visitas. Era frequente fazermos visitas a Museus, ao Museu de Arte Antiga, ao Museu de Arte Moderna, ao Museu de Arqueologia, etc. De vez em quando havia essas visitas escolares.

Agora, esta escola teve um período brilhante até 1920, talvez até 1926, não mais, pois nessa altura foi Director o José Carlos de Sousa, um homem muito activo no movimento Anarquista. Mas depois veio o golpe militar de 28 de Maio, a escola tinha um subsídio oficial, porque tinha sido considerada de utilidade pública pelo governo provisório da República, portanto tinha um subsídio, e depois começaram a rarear os auxílios e começaram a impor limitações à escola.

Por exemplo, depois já no período do fascismo, proibiram a coeducação dos sexos. Proibiram a mistura de sexos. A escola teve que optar e optou pelo sexo feminino, não sei a razão mas creio que foi por ter sido mais fácil, para não atrair tanto as atenções. E aquilo foi-se fechando, e foram-se impondo regras muito severas, de maneira que a escola decaiu muito. Ela hoje ainda existe hoje... de maneira que a escola sofreu muito, muito, no período do fascismo.

## 2) Uma professora: Deolinda Lopes Vieira Quartim \*

### A entrada para a Escola Oficina Nº 1

Entre para aquela escola a trabalhar, por volta de 1912, e depois interrompi porque fui para o Brasil com o meu marido, o Pinto Quartim que foi expulso,

---

\* Memórias baseadas numa entrevista a Deolinda Lopes Vieira Quartim, professora da Escola Oficina nº 1 entre 1911 e 1929.

Esposa de Pinto Quartim, jornalista anarquista fundador do jornal Libertário «Terra Livre» no início da década de dez do nosso século e primeiro chefe de redacção de «A Batalha» em 1919, Deolinda Quartim foi uma das figuras principais da Escola Oficina nº 1, e alguém que percorreu de uma

porque foi considerado cidadão brasileiro, tendo intervindo na política portuguesa. Naquele tempo, a lei não o permitia, e ele era para todos os efeitos um cidadão estrangeiro, nascido no Brasil, filho de pai português e de mãe brasileira, mas filho de portugueses.

Só mais tarde é que as leis mudaram a esse respeito.

Ele tinha um jornal, «A Terra Livre», com uma orientação de ideias e com uma feição que não agradava ao Governo Republicano.

Voltei do Brasil em 1915, e nessa altura chamaram-me outra vez, e eu voltei para a Escola Oficina nº1.

O Adolfo Lima era a alma da orientação pedagógica daquela escola.

Quanto à influência que os anarquistas tinham na Escola Oficina Nº 1, bem... ele era o orientador pedagógico, mas era uma pessoa suficientemente ... com uma dignidade mental muito apurada e tinha um programa de educação em que respeitava profundamente a individualidade da criança, não «despejava» nada, e criava um ambiente de liberdade muito grande, e basta dizer que a criança estava na aula e se tinha necessidade de ir lá fora levantava-se e não pedia licença... o chamado «pedir licença» ao professor, não fazia, e não abusava! Trabalhei nessas condições, e não abusava!

Agora se o Adolfo Lima era anarquista... não sei se oficialmente havia qualquer coisa a que ele estivesse ligado, isto é, não posso garantir. Mas que era uma pessoa com uma mentalidade anarquista no alto sentido da palavra, era!... Não era o anarquista «Ravachol» e essas coisas... e foi ele o autor dos programas.

### **Os programas da Escola Oficina Nº 1, as equivalências e as avaliações**

Aquilo tinha um programa que equivalia mais ou menos naquele tempo, ao segundo ano do Liceu.

---

forma muito activa o movimento social português do primeiro quarto do nosso século, estando também ligada aos primeiros movimentos feministas portugueses da altura.

Foi também Maçon com o pseudónimo de «Maria Amália Vaz de Carvalho» (Marques da Costa, 1980), facto que ignorávamos quando esta entrevista teve lugar.

Quando a entrevistámos, em Fevereiro de 1985, Deolinda Quartim cuja idade rondaria os noventa anos, mantinha-se de uma lucidez e vivacidade surpreendentes. Deolinda Quartim faleceu em 1993 com mais de cem anos de idade.

Já não me lembro bem da idade em que as crianças acabavam... . Era uma coisa desligada do Ensino Oficial, porque depois da proclamação da República, o curso da Escola Oficina foi considerado equivalente ao Primário... vinham cá para fora e não precisavam de fazer exame de Instrução Primária Oficial, tinham equivalência... no entanto, o seu programa ia mais além.

Como digo, um programa mais ou menos equivalente ao 2º ano do Liceu daquele tempo, estou-me a reportar àquele tempo...

Não havia exames nem provas que justificassem chamar-se-lhes um exame. Nós tínhamos frequentes reuniões do Conselho Escolar, trocávamos impressões sobre a conduta do aluno, o seu tipo mental, as suas possibilidades, a sua assiduidade ou o seu interesse pelo ensino, e assim o considerávamos capaz ou não de transitar para o ano seguinte.

### **Uma educação integral**

A escola seguia as directrizes do que chamávamos na época de «Educação Integral». Tentava-se que nela houvesse as actividades mais diversas, e que a criança se manifestasse em todas essas actividades, desde a modelação ao trabalho de marcenaria... os mais crescidinhos já faziam coisas, mesmo! Coisas úteis!

Para os outros mais pequenos eram uns trabalhinhos em madeira, enfim..., tinham modelação, desenho já se sabe, que é a base de tudo, e procurava-se que a criança exercitasse todas as suas possibilidades para desenvolver o seu ser integralmente.

É o que eu compreendo por ensino integral... educar, não é verdade, exercitar todas aquelas possibilidades que o ser humano possa manifestar... A música, não se compreende a Educação Integral sem música... tínhamos professor de dança... e uma aula de Educação Social que era dada pelo Adolfo Lima, em que ele procurava sobretudo mostrar a evolução humana ... e tudo quanto existia, meios de transporte e todas as diferentes actividades que a humanidade tem manifestado através dos tempos.

Procurava-se, já se sabe, despertar-lhes sobretudo o interesse para a colectividade.

O aluno ia preparado para se integrar no meio social. Uma educação social que não tenha por fim conduzir o indivíduo para se integrar no meio social não se pode considerar uma educação social. Era... despertar por exemplo sen-

timentos de solidariedade, de convivência, de tolerância, sobretudo... o respeito pelos seus colegas, tudo isso que faz da vida humana... Sim... tentar transformá-la sobretudo no sentido da sua prática, da sua conduta... desenvolver o sentimento do trabalho, a solidariedade com os seus colegas... Não sei como direi mais.

É claro que o homem não se lança para a sociedade como um ser amorfo. Nós na educação, quer queiramos quer não, a neutralidade é uma palavra mentirosa na educação. Nós todos temos um fito, conduzir a criança naquilo que supomos ser a nossa verdade, mas não é por exemplo ensinar à criança que seja revolucionária, no verdadeiro lugar da palavra...

Revolucionário é todo aquele que pretende modificar para o bem... aquilo que nós consideramos o bem! Mas enfim... tornar a criança interessada, interessada por qualquer coisa, porque não há nada pior que o indiferentismo, e era isso que se pretendia transmitir e por isso procurávamos estudar no aluno as suas tendências naturais.

Tivemos alunos que saíram de lá, e que marcaram, de novitos...

Por exemplo o Leopoldo de Almeida foi aluno de lá. Muito novinho manifestou a tendência para a escultura, na modelação. Era um bom aluno. O desenho e a modelação, manifestou-se nele de pequeno. E seguiu a sua carreira.

Também tinha um bom professor que era aquele escultor, José Neto o homem que fez os leões da «Lisboa e Açores» e também tivemos lá outros como o José Pereira e tal... procurando despertar o interesse, o amor pela execução das coisas artísticas, quer no desenho, quer na modelação etc...

### **Os professores**

Eramos bastantes professores porque tínhamos aquilo organizado por disciplinas.

Nós procurávamos que o corpo docente da escola tivesse afinidades quanto à finalidade da educação, à compreensão do que era a educação integral, enfim tudo... tínhamos todos os meses uma reunião do Conselho Escolar, em que trocávamos impressões sobre os alunos... alguns alunos que se manifestassem um pouco difíceis, saber a impressão de A, B ou C sobre esses alunos, enfim, procurarmos com o nosso trabalho conduzir essa criança...

Eu entrei na Escola Oficina nº 1 desta maneira: eu era Normalista de

Alcântara e já naquele tempo procurava lêr coisas, enfim aquelas coisas daquele tempo... já se sabe que eramos todos assim muito idealistas. A Escola Oficina nº 1 não tinha férias, mas era para quem queria, porque como era frequentada por crianças muito pobres e todos os dias se fornecia uma refeição, tanto quanto possível boa, e para aqueles pobres ali de Alfama e daqueles sítios não ficarem sem essa refeição, a escola estava aberta e eu ia para lá.

Os professores iam. Os que quisessem ficar na escola, esses tinham aulas, os que queriam ter férias tinham férias, mas iam todos para a escola. Se quisessem tirar uns dias tiravam, combinando com os outros para os substituírem. A escola não fechava. Tinha assistência escolar e tinha a assistência da cantina, que se chamava «A Solidária» e era gerida pelos alunos, enfim, pelos mais velhinhos mas orientados mais ou menos pelo professor de Educação Social, o que já era em si uma Educação Social... e para não terem a impressão que era uma esmola, eles pagavam não sei se era um vintém, se uma coisa assim.

Eu, foi assim, fui-me integrando lá.

Não se faziam concursos não se punham anúncios... eram pessoas mais ou menos conhecidas dos directores... não tínhamos diplomados. A unica diplomada era eu. Diplomada para o Ensino Primário. Não era preciso ser-se diplomado.

Era mais pelos méritos, pelo conhecimento, mais ou menos pela orientação da pessoa, que não fosse desmanchar o conjunto. E podia-se viver do trabalho na Escola Oficina Nº 1: eu quando fui para lá fui ganhar mais que as professoras oficiais. Tínhamos melhores ordenados.

Naquele tempo as professoras oficiais ganhavam 18 escudos e eu fui ganhar 24. Não pedi nada, foi o que eles me deram.

Em todo o caso as pessoas que ali trabalhavam... por exemplo... o Adolfo Lima não digo porque esse era professor no Liceu... mas o irmão, o António Lima não tinha outro emprego... e as outras pessoas... as do sexo feminino, também não tinham outro emprego. Não posso agora precisar se tinham a ajuda da família, se contavam com outra pessoa na família, isso não sei. Eu também como era casada, tinha o ordenado do marido... não posso precisar se aquilo me bastaria a mim própria, mas penso que naquele tempo talvez me bastasse... estou a dizer «talvez»!

### **Os anarquistas, os maçons e a saída de Adolfo Lima**

O Adolfo Lima saiu de lá em 1914, 1915... é possível que houvesse um desentendimento qualquer com o Luís da Matta, que era o Director Técnico da escola, na altura... mas não sei, talvez por uma incompatibilidade de horário, uma coisa assim.

Bem, claro, a escola era da Maçonaria e o facto de alguns professores serem pelo menos tidos como anarquistas... não agradava muito.

Ostensivamente não vi manifestarem-se, mas sei que não agradava. Sobretudo, não eram amigos... Não gostavam muito do Adolfo Lima.

Os orientadores, ou seja os proprietários, naturalmente não gostariam dele, pois se os Republicanos estavam a perseguir as pessoas mais ou menos com essa orientação!... Mas como o Adolfo Lima era uma pessoa que sabia manter um equilíbrio e de uma isenção extraordinária, eles não tinham nada por onde lhe pegar.

E depois disso tiveram mais pessoas tidas como anarquistas, pessoas como o José Carlos de Sousa... ele chegou a ser o Director Técnico da Escola, já para o fim.

Estive um tempo ainda com o José Carlos de Sousa, mas depois fui para as escolas oficiais, abriram as secções infantis, e eu tinha também o diploma de ensino infantil que tirei em Benfica, no tempo em que se tirava lá o Curso de professor de ensino infantil... para mim foi uma espécie de reciclagem mas em todo o caso, foi um bom tempo de escola.

Aquela escola de Benfica, quando abriu era qualquer coisa de interessante. Depois foi fechada e escangalhada e prenderam os professores e etc, etc.

Quanto aos anarquistas propriamente ditos, os anarquistas da C. G. T., isso eu não sei... não sei o que a C. G. T. pensava nesse tempo da Escola Oficina Nº 1. No entanto tivemos lá filhos de membros da C. G. T. Penso no entanto, que os anarquistas o mais que poderiam ser era simpatizantes... profundamente simpatizantes da Escola Oficina Nº 1.

### **A sala de aula e o ambiente pedagógico na Escola Oficina Nº 1: a liberdade na educação**

Nas aulas não tínhamos carteiras. Estávamos numa mesa sentados e os alunos à volta da mesa. Não havia... não havia cátedra, não havia estrado, não

havia professor mais alto que os alunos. Estávamos todos no mesmo plano, e os alunos podiam sair e entrar na sala sem pedir licença.

Claro, havia horários e faltas, etc. Não... orientação havia! E havia bastante, porque ser anarquista não quer dizer que se seja desorientado.

Os alunos tratavam-nos por sr. fulano... por exemplo ao Adolfo Lima, chamavam Sedolfo (Sr. Adolfo), ao António Chamavam Setónio (Sr. António), às professoras é que chamavam D. Fulana. Não havia cá o doutor e essas coisas. E o ambiente era bom! Bom ambiente.

Eles falavam muito de cabeça levantada para nós, quando às vezes havia qualquer crise, qualquer coisa, porque é claro, a criança é a criança, o ser humano é o ser humano... e havia qualquer coisa, nós tínhamos que lhe chamar a atenção não é verdade? Lá por se ter orientação anarquista não quer dizer que se sancionassem todos os disparates... e havia troca de impressões, discussão entre o professor, o aluno, o interveniente na situação, etc.

Como castigos, só havia a suspensão que era decidida pelo professor. Quando o aluno praticava qualquer coisa que fosse inconveniente, ou para nós ou para os colegas... enfim que perturbasse a possível harmonia que nós procurávamos; quando esse indivíduo... aluno perturbasse essa boa harmonia, o aluno não era... não podia estar integrado naquilo, e então o castigo era a suspensão, ou seja não ia às aulas. O tempo que durava a suspensão dependia do professor. Ele é que decidia sózinho.

Não havia lá interferências de directores nem nada... A nossa resolução era perfeitamente livre.

Havia faltas! Ah sim, marcavam-se as faltas, marcavam-se as faltas, mesmo porque o marcarem-se as faltas não era para marcar penalidades, mas para contribuir para avaliar da responsabilidade do ensino, não é verdade... Não éramos nós que marcávamos as faltas, não. Era um trabalho de secretaria, via-se quem faltava... e marcava-se.

Quanto à dimensão das turmas eram pequenas. Chegávamos a ter uns sete, oito alunos ... Não, não isso também é um caso! Não se pode fazer educação como deve ser com turmas grandes... a própria turma grande, o próprio aglomerado excessivo de seres, até dos seres humanos cá fora, perturba. Não deixa raciocinar: pode ser conduzido emocionalmente mas não racionalmente... perturba muito!



Eu que depois trabalhei no ensino oficial, estabeleci a relação, e é muito difícil, é um grande prejuízo... os grandes aglomerados são um grande prejuízo.

Aquilo ou há que trabalhar com disciplina militar... tanto que nós, quando os nossos alunos saíam e íamos a qualquer parte, nós não formávamos os nossos alunos, como naquele tempo era costume, ia tudo ali a dois e dois, formados a critério e mesmo com passo de soldado etc. etc. Nós não!

Nós íamos para o Coliseu, às vezes havia umas matinés, e os nossos alunos espantavam-se da indisciplina, do barulho que os outros alunos das outras escolas faziam... e que eles não faziam! Eles não precisavam, não estavam constrangidos em parte nenhuma, e como não estavam constrangidos não precisavam de abrir a válvula de escape... que é o que os outros abrem, quando se vêem assim num aglomerado, é aos berros aos assobios... os nossos não faziam isso... não faziam e não tinham recomendação nenhuma...! E isso acontecia porque estavam criados em liberdade! Porque não estavam naquele aglomerado muito grande, não se perturbavam uns aos outros... as crianças perturbam-se umas às outras... e então ficavam muito admirados do que os outros faziam. Quer dizer, não sentiam necessidade de fazer aquilo: bater com os pés, dar gritos, aquelas manifestações todas que nós sabemos que as crianças todas fazem.

Eles manifestavam-se assim, e nós interpretávamos assim: como os nossos alunos não estavam num meio que os coagisse, eles não sentiam necessidade daquelas manifestações ruidosas.

Brincavam no quintal é claro e havia um ou outro que nós tínhamos que chamar a atenção: olha filho, não queres estar aqui, mas não tens o direito de perturbar o nosso trabalho, não temos o direito de perturbar o trabalho uns dos outros.

Explicava-se tudo: qualquer penalidade, qualquer admoestação, qualquer observação, explicava-se a razão porquê! Na altura! E em termos que a sua mentalidade pudesse compreender, nós exprimíamos-lhe que ele era uma criatura que estava a perturbar os outros e a não deixá-los trabalhar .

### **Balanço final e ainda Adolfo Lima e a assunção do anarquismo**

Tenho muitas saudades da Escola Oficina nº 1. Foi o tempo mais feliz da minha vida profissional. Já porque era nova, sentia muito entusiasmo por aquilo, e enfim, tinha... um bocado, por inconsciência claro, tinha a sensação

que estava a fazer qualquer coisa... eu tinha a sensação, o prazer, este prazer que nós devemos ter no sentido de estarmos integrados numa sociedade e de nela fazermos qualquer coisa, para bem... para bem segundo as nossas verdades...

Quanto ao Adolfo Lima, era uma pessoa muito correcta. Muito simples, de muito bom trato. Um bom colega, um excelente camarada, camarada no sentido de convivência social. Agora era uma pessoa à primeira vista muito calado, um bocado assim ... parecia uma pessoa muito formal... parecia, mas depois na convivência não o era. Até tinha coisas que... o rir, eu avalio muito as pessoas pelo rir; aquele homem ria como uma criança: Mas ria, ria, ria com prazer.

Sim, eu considerava-me uma libertária... e tenho uma certa simpatia, porque não?... Não tenho vergonha de o dizer. Quando eu digo isto não é pensar que de um momento para o outro cai o pano, acaba a feira e é substituída por outra! Isso é uma falsa noção da evolução humana, não é? Eu lia coisas: naquele tempo li muito Tolstoi, Kropotkin, Élisée Reclus, alguns franceses, o Sebastien Faure, o Jean Grave, etc., o que se lia naquele tempo. E foi assim que fui simpatizando não é, sempre com alguma ingenuidade, que os novos têm.

O meu marido também era... mas não foi só por ser meu marido. O meu marido foi grevista da greve de 1907. Foi um dos expulsos. Mas eu não o conhecia. Eu estava na Escola Normal e também fui grevista... Não foi por influência do meu marido nem nada disso: é que eu já era! Eu já era! Já no tempo da República, antes da República eu era uma entusiasta do Partido Republicano, que era o que naquele tempo agitava...

2ª PARTE – COMENTÁRIOS

**REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIAS DE VIDA**  
**– no cruzamento de três olhares sobre a escola –**

**Irene Cortesão \***

*«O objectivo do ensino»... «é fomentar a capacidade de um desenvolvimento contínuo, de uma racionalização intermínua da experiência...»*

*António Sérgio*

Li há tempos um livro de António Sérgio sobre Educação Primária Infantil\*\*. A leitura que fiz agora das três «histórias de vida» de professores, tão ricas em sugestões, as minhas próprias experiências de colegas inovadores com que trabalhei, fazem-me pensar na modernidade do livro de António Sérgio, escrito em 1910 e de algumas experiências relatadas nestes textos. A verdade é que uma boa parte dos nossos professores de hoje ainda está longe de ter a qualidade dos que escreveram estas «Histórias de Vida». Alguns não têm nem o seu calor humano, nem o seu empenhamento, apesar destes depoimentos se referirem a acontecimentos do começo do século.

Muitos professores de hoje ainda afirmam que as crianças de agora são mal comportadas, indisciplinadas, não se interessam por aquilo que a escola lhes fornece. A culpa será só delas?

O que será então «novo» em educação, e que é que fará vibrar as crianças e as torna felizes? O que é «velho», o que é que as torna desinteressadas, inferiorizadas, perdendo a confiança por si próprias?

Penso que o que é «velho» no ensino, é, por exemplo, dar aulas desinteressantes, monótonas, em que o professor sempre carrancudo não admite, nem emite, um dito de humor. Os professores nas aulas perdem o seu tempo, dizendo constantemente: não estudaste, não estás atento, não...não...não! O

\* Professora Aposentada do Ensino Básico, 2ª Fase

\*\* *Sobre Educação Primária e Infantil*, Cadernos Inquérito, Série D, Pedagogia 3, Lisboa: Editorial Inquérito

ambiente criado e a relação professor/aluno não contribui certamente «para um desenvolvimento intêrmino da experiência». Cai-se numa rotina: o professor explica, o aluno às vezes ouve, outras vezes fala: ouvir, falar, falar, ouvir... e depois os alunos são desinteressados e mal comportados.

Isto é «velho» no ensino. Mas os três depoimentos contêm, afinal, propostas «novas» apesar de se referirem a acontecimentos do começo do século. Em dado momento no seu texto, Emídio Santana afirma: «...ouvi na Televisão a descrição de um método de ensinar que se considerava novo agora... «e eu sorri-me, ri-me, porque foi assim que eu aprendi há sessenta e tal anos».

*«A primeira» (qualidade que considero indispensável a um professor) é um «grande amor às crianças e à profissão docente...» ter entusiasmo lúcido pela missão educativa...»*

*António Sérgio*

Tenho, no entanto, consciência de que também muitos dos professores de agora lutam para não cair na rotina, lutam por algo diferente, por algo novo... por algo que era já preconizado por António Sérgio, mas também por muitos pedagogos actuais. Eles lutam por empenhar as crianças em actividades importantes e interessantes, para que os alunos sejam capazes, mais tarde, de adoptarem atitudes críticas e criativas em novas situações.

Gosto de pensar em mim própria, quando era professora do então chamado «Ciclo Preparatório». Recordo, por exemplo, que saía com os alunos da aula, e que, no recreio, fazíamos «a dança do sistema solar»: um de nós era o Sol e à volta «os Planetas» moviam-se e desenhavam em giz de cor as suas órbitas. A sala de Ciências era agradável e alegre, na parede havia sempre painéis com desenhos ou relatos de experiências dos alunos. Lembro-me ainda que, quando começávamos com a Botânica, fazíamos painéis ilustrando com folhas variadas o poema de António Gedeão (Pastoral), que começava assim:

*Não há, não,  
duas folhas iguais em toda a criação  
ou nervuras a menos, ou células a mais,  
não há, de certeza, duas folhas iguais...*

...  
*umas são fendidas, crenadas, lobadas*  
*inteiras, partidas,*  
*singelas, dobradas,*  
...

A nossa sala parecia uma festa, os alunos gostavam das aulas, quer as que dávamos na sala, quer as que dávamos no recreio. Ainda hoje encontro antigos alunos que se lembram do ambiente alegre que se respirava durante os nossos trabalhos.

Na «História de Vida» da professora que relata um destes textos transparece também constantemente o seu amor às crianças e à escola: «A casa da Escola é bonita. Cá por mim é a casa mais bonita que aqui há».

Transparece também a confiança da professora em si própria, na sua criatividade: «tinha bastante habilidade para ensinar ... era muito feliz nas minhas práticas». E mais adiante: «Fiz o meu exame final com muita felicidade». «Levei uma gaiola com um canário e pendurou-se na sala de aula. Os miúdos ficaram logo todos contentes».

*«O objectivo do ensino» é preparar para uma vida mais humana, mais progressiva, mais fecunda, dentro de uma forma social mais justa».*

*António Sérgio*

Vejamos o «resumo de uma vida militante» (entre 1905-1910): o professor Emídio conta-nos que, quer o meio familiar, quer o ambiente da escola, fez dele um sindicalista activo. Foi preso pela P.I.D.E. mais do que uma vez, uma das quais durante vários anos, mas manteve-se sempre activo, nos últimos anos na clandestinidade.

Certamente que a escola que o professor Emídio frequentou tinha características que o marcaram: «era uma escola que não tinha aquele ar carrancudo das escolas oficiais»..., «não havia carteiras cada aula tinha uma mesa grande com cadeiras à volta», (o que favorece a capacidade de diálogo). Tinha regime de co-educação, mesmo nas aulas de carpintaria, latoaria, modelação, costura, música e dança. «Não havia sinetas»..., «cada um tinha que saber que a aula tal

era às tantas horas». Os alunos tinham uma associação – A Solidária. Pagavam uma cota e tinham almoço de graça. Os professores iam para o recreio... por vezes desaconselhavam brincadeiras «para não se cair no militarismo»... Estudavam Sociologia, era frequente fazermos visitas a Museus, ao Museu de Arte Antiga, ao Museu de Arte Moderna, ao Museu de Arqueologia. «Depois veio o 28 de Maio» e começaram a impôr as limitações à escola.

*«O objectivo do ensino é treinar as inteligências, a fim de as tornar cada vez mais plásticas, universalistas como exige a moderna democracia».*

*António Sérgio*

Há agora, certamente, também professores empenhados. Muitos aliás, trabalham com grande dificuldade, essencialmente porque as escolas têm demasiados alunos, o que torna muitas vezes difícil realizar propostas que tornariam os alunos mais responsáveis, mais críticos, mais interessados. Só a título de exemplo, poderia referir-se que, habitualmente, se dá a rubrica do programa sobre «alimentação racional», mostrando aos alunos a «roda dos alimentos» e falando-lhes de ementas equilibradas, de erros de alimentação. Mas se não for pressionado pelo cumprimento do programa, se se tiver outra atitude face ao que é importante fazer com os alunos, será possível solicitá-los a elaborarem e realizarem inquéritos sobre alimentação, certamente com a nossa ajuda, consulta de livros e documentos de apoio. Os alunos estarão activos, e sentirão que podem influenciar, por exemplo, o funcionamento da cantina, as ementas na sua casa. Poderão reflectir sobre os principais erros alimentares, e sobre problemas de alimentação de muitas crianças.

Apesar de tudo, muitas outras actividades e experiências fazem-se agora na nossa escola. Faz-se de novo, algo que foi impossível fazer durante muito tempo. Só era preconizado o ensino «livresco» com o seu currículo oculto: ouvir, não discutir, obedecer.

Hoje podemos dar-nos conta de escolas onde se desenvolvem actividades que atraem o alunos e que desenvolvem o seu espírito crítico. Inquéritos, entrevistas, análises de situações várias que se reflectem por exemplo no aparecimento de «clubes dos caça cigarros», «o jornal escolar», as «Festas do dia da árvore», ou «Clubes de Ecologia», etc. Nestas actividades os alunos trazem de

casa aspectos da sua cultura e levam também à comunidade reflexões várias, conhecimentos teóricos e práticos que aprenderam na escola.

O depoimento de Deolinda Lopes Quartim que foi professora na Escola Oficial nº 1, impressionou-me particularmente. Afirma ela que a escola pretendia fazer a Orientação Integral. «Tentava-se que houvesse actividades mais diversas, que a criança exercitasse todas as suas possibilidades para desenvolver o seu ser integralmente». «Procurava-se despertar-lhes, sobretudo, o interesse para a colectividade»... «despertar por exemplo sentimentos de solidariedade, de convivência, de tolerância» de respeito pelos seus colegas, e desenvolver um ambiente de trabalho. (Será isto uma utopia para os dias de hoje?)

«Neutralidade é uma palavra mentirosa na educação todos temos fito», afirma ainda a professora Deolinda. E porque a neutralidade é uma palavra mentirosa na educação, (todos nós temos um fito) a sua escola foi fechada.

Nos dias de hoje continua a ser importante que sejamos utópicos. Teremos que ter esperança de contribuir para formar inteligências mais plásticas, mais intervenientes, mais libertas de limitações, como exige a moderna democracia.

A época em que aconteceram estas histórias de vida, era a época em que se cantava «Escolas, semeai amor à vida, à luz, à límpida verdade! Ó escolas semeai!...

Tratava-se somente de uma lírica utopia de uma época romântica? Ou poderá, ainda hoje, continuar a ser uma «lírica utopia» de uma época em que alguns vão saindo (penosamente) de uma escola sisuda, triste, monótona, fabricadora de insucesso, de uma concepção tecnocrática, competitiva e elitista do saber?

## PESSOAS E MEMÓRIAS NAS HISTÓRIAS DE VIDA

**António Nóvoa \***

Os testemunhos recolhidos por Helena Araújo e António Candeias trazem-nos *peessoas e memórias*. *Pessoas* que uma «certa» racionalidade pedagógica procurou reduzir a expressões de uma equação que permitira controlar a priori os factores aleatórios, contingentes e imprevisíveis do acto educativo. *Memórias* que uma «certa» ideologia histórica quis relegar para plano secundário, em nome de uma ciência que se construiria unicamente a partir de factos objectivos e de dados estruturais.

Falar hoje de *peessoas* não significa alimentar uma visão romanceada da educação ou recusar uma análise científica das realidades pedagógicas; significa sim a afirmação de que é preciso conceber uma ciência que não se imagine «contra» as pessoas, os seus conhecimentos e sentimentos, mas que se desenvolva justamente a partir deles. Valorizar as *memórias* não quer dizer o regresso a uma definição idealista do trabalho histórico, a um simples encaideado de descrições factuais e de narrativas pessoais; quer dizer, isso sim, que a investigação histórica não pode ignorar a forma como os sujeitos falam das suas vivências e as elaboram como elementos estruturantes da sua identidade pessoal e profissional.

O terreno é propício a muitos equívocos, como se prova pela investigação recente na área das ciências sociais e humanas. No prefácio à 2ª edição da obra *Vidas de Professores* (Porto Editora, 1995), alertei para os perigos do «modismo» na utilização das abordagens autobiográficas ou das metodologias das histórias de vida. Gostaria agora de chamar a atenção para a possibilidade de considerar as *vozes* dos actores como mais genuínas e autênticas do que as restantes *vozes* que habitam o espaço educativo. Na verdade, os testemunhos vivenciais devem ser vistos como discursos que se constroem em torno das realidades educativas e que são, também eles, portadores de intenções, de teorias e de ideologias. É nesse sentido que a própria adopção destas abordagens pelos investigadores deve ser entendida como uma *tomada de posição*, bem

---

\* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa



nítida, aliás, na forma como os movimentos feministas ou multiculturalistas as têm mobilizado na afirmação das suas próprias convicções sociais e políticas.

Mas, uma vez assegurada a atitude crítica do investigador, os testemunhos pessoais, nas suas diversas faces e possibilidades, são um material único para a escrita da História e da Educação. Eles dizem o que é impossível saber doutro modo, trazem relações pessoais e ambientes insitucionais, descrevem rupturas e conflitos, apresentam afectos e intuições, numa palavra, dão sentido aos projectos e aos percursos dos diferentes actores educativos.

Helena Araújo apresenta-nos a memória de uma professora primária que iniciou a actividade profissional durante a Ditadura Militar. É a história de alguém que «gostava de ensinar» e que guarda boas recordações do magistério: mesmo os episódios mais difíceis (a visita do inspector ou a relação com uma directora autoritária) são evocados como momentos de sucesso. As referências ao contexto exprimem a distância com os tempos actuais, mas a forma como são vividos os problemas da formação na escola normal, dos primeiros contactos com a prática escolar ou das relações com os colegas e com as comunidades locais remetem-nos para imagens que continuam a fazer parte do dia-a-dia da profissão. É nesta articulação entre a singularidade da experiência pessoal e a capacidade de apreender universos de sentido que as histórias de vida encontram grande parte do seu interesse.

António Candeias organiza duas memórias de uma escola libertária do princípio do século, ditas por Emílio Santana e Deolinda Lopes Vieira Quartim. São palavras de quem viveu uma «experiência alternativa» e que faz disso um importante elemento identitário. Sente-se nestes testemunhos a possibilidade de uma organização diferente do espaço educativo e da vida escolar. A Escola Oficina nº 1 é um *emblema* de certas perspectivas teóricas e ideológicas, e a leitura destas memórias deve ter isso em conta: elas são práticas discursivas que retraram e constroem, ao mesmo tempo, uma realidade marcante do imaginário pedagógico português. É nesta dupla vertente que os testemunhos pessoais são estimulantes do ponto de vista histórico, e não como fontes eventualmente mais «verdadeiras» do que quaisquer outras.

As teses de doutoramento de Helena Araújo e António Candeias recolhem e organizam outros testemunhos, para além dos que são publicados neste número da revista. São trabalhos de grande importância histórica e pedagógica,

construídos com inteligência e rigor crítico, que merecem uma leitura atenta dos professores e da comunidade científica. Espero que estas poucas linhas sirvam para despertar o desejo desta leitura.